



A ÉTICA DA PAIXÃO

Uma teoria psicanalítica do afeto

Marcus André Vieira

CAMPO FREUDIANO
NO BRASIL

Jorge Zahar Editor

A *Ética da paixão* vem marcar que, apesar da importância do teatro passional, uma análise não se resume a decorar, lúdica ou tristemente, o *script* das paixões de uma história.

Considerar o discurso das paixões implica em discernir nele algo que silenciosamente institui sua sintaxe, cujas regras mudas materializam-se apenas na repetição e na

CAMPO FREUDIANO NO BRASIL

JACQUES LACAN

- Escritos
- O Seminário
- Livros publicados: 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 11, 17, 20
- Os Complexos Familiares na formação do indivíduo
- Televisão

JACQUES LACAN ET AL.

- A Querrela dos Diagnósticos

AMP

- Como Terminam as Análises
- Os Poderes da Palavra

SERGE ANDRÉ

- A Impostura Perversa
- O que Quer uma Mulher?

SERGE COTTET

- Freud e o Desejo do Psicanalista

RICHARD FELDSTEIN ET AL.

- Para Ler o Seminário 11 de Lacan

JORGE FORBES

- Da Palavra ao Gesto do Analista

IRMA (FUNDAÇÃO DO CAMPO FREUDIANO)

- Clínica Lacaniana

ALAIN JURANVILLE

- Lacan e a Filosofia

ÉRIC LAURENT

- Versões da Clínica Psicanalítica

FUNDAÇÃO DO CAMPO FREUDIANO

- O Sintoma-Charlatão

- A Sessão Analítica

SERGE LECLAIRE

- O País do Outro

ROSINE E ROBERT LEFORT

- Marisa:

- A escolha sexual da menina

DOMINIQUE E GÉRARD MILLER

- Psicanálise às 18:15h

GÉRARD MILLER (ORG.)

- Lacan

JACQUES-ALAIN MILLER

- Percurso de Lacan

- Lacan Elucidado

- (Palestras no Brasil)

- Matemática I

- Perspectivas do Seminário 5 de Lacan

JUDITH MILLER (ORG.)

- A Criança no Discurso Analítico

CATHERINE MILLOT

- Freud Antipedagogo

STUART SCHNEIDERMAN

- Jacques Lacan: A morte de um herói intelectual

MICHEL SILVESTRE

- Amãnhã, a Psicanálise

PATRICK VALAS

- Freud e a Perversão

MARCUS ANDRÉ VIEIRA

- A Ética da Paixão

ROGER WARTEL E OUTROS

- Psicossomática e Psicanálise

ISBN 85-7110-581-2



9 788571 105812

Jorge Zahar Editor

A Ludoca, Maura e Miguel, minha trupe.

Copyright © 2001, Marcus André Vieira

Copyright © 2001 desta edição:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 240-0226 / fax: (21) 262-5123
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright. (Lei 9.610)

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

V716c Vieira, Marcus André
A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto / Marcus André Vieira. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001
(Campo freudiano no Brasil)

Apêndice
Inclui bibliografia
ISBN 85-7110-581-2

1. Afeto (Psicologia). 2. Freud, Sigmund, 1856-1939. 3. Lacan, Jacques, 1901-1981. 4. Ética psicoterápica. I. Título. II. Série.

00-1554

CDD 152.4
CDU 159.942

SUMÁRIO

Apresentação, Romildo do Rêgo Barros 9

Prefácio, Serge Cottet 11

Prólogo 15

CAPÍTULO I

De um Freud

A psicanálise em Hollywood 19

Outras vias 23

Objecções 26

Da oposição cartesiana 28

A leitura clássica 30

Leituras pós-freudianas 32

O afetivo e o intelectual 33

O enquadre cartesiano 34

Freud, Descartes e a ciência 37

CAPÍTULO II

De um outro Freud

O método freudiano 41

A estrutura 42

O fenômeno 44

Panorama do afeto 47

Do Projeto à Interpretação dos sonhos 48

Os textos metapsicológicos de 1915 51

A primeira teoria da angústia e a libido 53

A primeira teoria da angústia e o perigo 56

Inibição, sintoma e angústia 57

O trauma e seu sinal • Reviravolta na teoria do afeto

• *Balço de Inibição, sintoma e angústia*

Do objeto 66

CAPÍTULO III

Um sonho de paixão

- Das profundezas 69
- O sonho e o desejo 70
- O sonho do pai morto 71
- O desejo e o afeto 73
- O grafo do desejo 74
- Ele estava morto • Ele não sabia • Segundo seu desejo*
- A Outra cena 81
- O gozo 85

CAPÍTULO IV

Da pulsão à fantasia

- Pulsão e representação 89
- Pulsão e inconsciente 92
- A transformação do afeto 94
- Interpretar o desejo 96
- As paixões do ser 99
- Do ser 100
- A fantasia 102
- O afeto incorporado 105
- Introdução à teoria da causa 108
- Desejo, ser e ética 111

CAPÍTULO V

Ética(s)

- Do fundamento ético da psicanálise 115
- Da fundação de uma ética da psicanálise 117
- Uma nova ética? (ou existe uma ética do desejo?) 119
- Éticas 123
- O sujeito e as paixões • O enquadre espinosista*
- Espinosa contra Descartes em Lacan • Descartes,*
- Kant e Espinosa na ética da psicanálise • O gozo e*
- a ética da psicanálise*
- Ética e angústia 135
- O ponto da angústia e o ponto do desejo 137
- A angústia delinea o campo ético 139

CAPÍTULO VI

Questões de método

- O catálogo e a chave 146
- O catálogo • O análogo • Um catálogo de doenças*
- A chave*
- Ficção 151
- A ética do Bem-dizer 154
- Do Bem-dizer 157
- Emoção, afeto e paixão 158
- Da emoção ao afeto • Do afeto à paixão*

CAPÍTULO VII

Afetos

- Angústia • O falo e o objeto a • Amor, ódio e ignorância*
- O diamante da transferência • A transferência em uma*
- análise • Reflexos de um diamante • Fascinação, beatitude,*
- tédiUm e amuro • Fúria, ciúme e inveja • Ignorância,*
- debilidade e estupidez • Depressão, luto e tristeza • Tristeza*
- e pecado • Culpa, temor e piedade • Cólera e raiva*
- A partilha dos sexos • O estranho Unheimlich • Unheim-*
- lich e pudor • Witz, surpresa, humor e riso • Alegria e*
- mania • Gaio sçaber e entusiasmo • A angústia do final*

Conclusão

- Os nomes... 231 / ... do afeto... 234 / ... no tratamento. 236
- Fim 238

APÊNDICES

- A. Referências de Lacan a afeto, paixão, sentimento e emoção 239
- B. Os afetos lacanianos 240
- C. Coletânea de Referências de Freud e Lacan ao afeto 243

Notas 256

- Bibliografia 268
- Índice de termos e conceitos 277
- Índice onomástico 281
- Índice de termos em alemão 283

HÁ ÉTICA NAS PAIXÕES

Romildo do Rêgo Barros

Em uma resenha que escrevi há quase dois anos, eu comentava o livro que Marcus André Vieira acabara de publicar na França, chamado *L'Éthique de la Passion*¹, inicialmente escrito como tese de doutorado em psicanálise para a Universidade de Paris VIII. Nessa ocasião, eu fazia votos para que fosse feita logo a sua tradução, e que assim o livro cumprisse a sua vocação natural, de se tornar uma referência na nossa comunidade.

Agora, estamos acolhendo a versão em português. Versão, e não simples tradução, porquanto o autor fez modificações no antigo texto, sobretudo na sua última parte, introduzindo alguns avanços que vem fazendo desde então, o que mostra que está discutindo consigo mesmo. E conosco, em consequência.

O título foi mantido, e já faz parte da discussão. Pois, afinal de contas, o que nos autoriza a dizer que há uma ética na paixão, possível de se depreender? Se uma ética diz respeito às escolhas do sujeito, como torná-la patente quando justamente a transparência esperada nas escolhas está ausente, e o sujeito parece à deriva: inteiro, compacto, mas rigorosamente fora de si? Ou possuído,

¹ PUR - Presses Universitaires de Rennes, 1998.

como se a exterioridade da paixão fosse como um “diabinho”, segundo comenta a uma certa altura Marcus André Vieira.

Para tornar compatíveis os dois termos, é preciso fazer uma torção na ética – na sua prática, e na sua noção. Dizendo, por exemplo, que o sujeito fora de si é simplesmente um outro nome do sujeito. Ou que este é eticamente responsável pelo que lhe acontece a partir das conseqüências dos seus atos, e não das suas intenções conscientes. Ou então, propondo que a intenção que conta é aquela que as conseqüências engendram –mais do que aquelas que revelam. Retroativamente, portanto, passa a ser possível pôr uma palavra de sujeito onde parecia haver somente uma cega determinação. Como observa Serge Cottet no prefácio que fez para a edição francesa, “o que é designado aqui como ética da paixão, diz respeito à relação do afeto ao dizer, à lacuna que há entre o bem-dizer e o mal-dizer”.

Essa torção é a difícil tarefa dos psicanalistas –além de ser a função essencial da psicanálise na cultura-, e a clínica dos afetos é um terreno privilegiado para isso, uma vez que o sujeito, não sendo propriamente representado pelos seus afetos –diferentemente da evidência de que se representa nos seus sintomas- é tomado, ou até arrebatado por eles, o que faz dos afetos uma questão de sujeito, mesmo se, tomado isoladamente, cada um de nós os encare como se fossem externos ou estranhos. Como, por exemplo, na angústia, na qual o sujeito vive o paradoxo de se confrontar com a estranheza justamente no ponto que ele acredita ser o seu âmago.

Se o afeto indica a posição do sujeito, como dizia Lacan, ele próprio é difícil de ser situado, pois é o conceito limite de uma experiência subjetiva também limite. A partir daí, várias fronteiras pedem para ser demarcadas: entre afeto e desejo, afeto e pulsão, afeto e gozo, afeto e inconsciente, afeto e ser, etc. Marcus André Vieira, na sua detalhada cartografia, encontrou fórmulas bastante felizes para tratar dessa questão, como quando escreve:

“é justamente do lado do desejo, então, que situaremos o afeto, que protege o sujeito do real (...). O afeto, por sua vez, aparece como cristalização da pulsão no plano do corpo, já sob a mediação das relações do sujeito ao desejo”.

Ou, “a angústia, afeto paradigmático, se introduz neste ponto onde um sujeito aparece entre desejo e gozo”.

Ou ainda, “a angústia, como afeto fundamental, marca o ponto de origem dos demais afetos. Herdeiros da angústia, eles se relacionam ao desejo por oposição: o afeto sutura onde o desejo faz fissura, ele é consistente onde o desejo é etéreo. O desejo conduz ao real do gozo e o afeto é resultado de uma transformação, que podemos descrever agora, como incorporação. Um é corte, o outro, armadura”.

A dificuldade em situar o afeto se deve ao fato de que não existe um sujeito dos afetos. Isto tem conseqüências também na prática clínica, uma vez que não é sempre imediata a assunção dos seus afetos por parte do sujeito, assim como é inútil esperar que a sua expressão mais livre dê finalmente passagem a uma maior autenticidade.

Seja bem vindo o livro de Marcus André Vieira. Sua linguagem simples e seu humor farão dele um útil instrumento, não só para os estudiosos da psicanálise como também para os que querem conhecer o que pensam os psicanalistas.

“Não poderíamos dizer então que o afeto vem em lugar da impossibilidade do ser falante de nomear-se como objeto?” (Prefácio de Serge Cottet)

PREFÁCIO

Serge Cottet

Este trabalho pode ser resumido pela intenção que o atravessa do começo ao fim: a reconsideração do lugar do afeto em psicanálise.

Esta reconsideração das paixões, das emoções, do corpo e do gozo, responde à crítica, frequentemente endereçada à psicanálise, de que ela "faria pouco-caso do afeto".

O trabalho de Marcus André Vieira vem, assim, fazer justiça à psicanálise frente à antiga imputação de intelectualismo feita a Lacan. Ele mostra que Lacan segue passo-a-passo a elaboração freudiana do afeto, indicando os deslocamentos e o destino que cumpriu este conceito. Marcus André se dedica, igualmente, a mostrar que há uma evolução histórica a ser considerada, ao mesmo tempo em Freud e Lacan, com respeito à uma problemática da qual a teoria da angústia é o pivô.

Ele assinala o quanto a doutrina freudiana torna caduca a oposição entre o afetivo e o intelectual, oposição que reproduz o dualismo filosófico entre o corpo e alma, o qual a psicanálise subverte.

O autor pretende demonstrar, antes de mais nada, em que Freud é o artífice de uma reversão, na medida em que faz da paixão, não um efeito sofrido passivamente pelo corpo, mas um efeito que toma o corpo, a partir disso que Freud chamou representação e Lacan, significante.

O afeto, que toda uma tradição psicológica define como simples descarga quantitativa de energia, sofre um remanejamento por conta da própria existência do inconsciente. A psicanálise, então, põe em evidência, uma discrepância entre o afeto e sua representação, já que o afeto é sempre deslocado, um pouco desviado em relação aos seus motivos aparentes. Mas, sobretudo, sem qualquer autonomia energética com relação ao discurso, o afeto não pode libertar-se nem do pensamento nem da linguagem. É por isto que Freud se refere a uma tradição que, na Alemanha, encontra sua fonte em Herbart, e, mais além em Spinoza: o afeto depende de uma mecânica da representação. Ele é diferencial. Isto diz ainda a que ponto os afetos são dependentes do saber inconsciente do mesmo modo que da interpretação dada, pelo sujeito, ao desejo do Outro, categoria independente de qualquer energética do gozo.

Lacan ressaltava sua preferência pela expressão verbal "ser afetado" e recusava uma teoria geral dos afetos. Trata-se, com efeito, de que "afeto, só há um, a saber, o produto da tomada do ser falante em um discurso, enquanto esse discurso o determina como objeto. O que é preciso dizer, é que este objeto não é passível de nomeação." Não poderíamos dizer então que o afeto vem em lugar da impossibilidade do ser falante de nomear-se como objeto?

A fenomenologia sempre abordou este "vivido", que não é linguagem mas sensação do desejo do Outro, especialmente no registro da teoria das emoções. Deve-se à psicanálise, notadamente a Lacan, a partir do recurso à uma grande variedade de afetos, a delimitação destas diferentes posições do sujeito com relação ao ser. Daí o privilégio do afeto de angústia, que ocupa o centro da doutrina freudiana. Com respeito a este ponto, o autor precisa como o pensamento de Freud evolui de uma concepção energética da descarga à referência final ao signo. A angústia é o sinal de perigo para o eu, frente à exigência pulsional. Freud responde assim ao risco de desvio que ameaçava o conceito de afeto, uma vez que muitos de seus

alunos estavam sempre prontos a localizar as manifestações enigmáticas do afeto em eras arcaicas da humanidade ou no trauma do nascimento.

De um modo geral, não se pode sustentar a existência de uma energia afetiva indiferenciada que exista em estado bruto e que se invista aqui e ali, ao sabor da imaginação. Para evitar toda concepção globalizante do afeto, é preciso, ao contrário, promover uma clínica diferencial dos afetos, ligada ao discurso inconsciente e não às intensidades ou às relações de força. Marcus André desenvolve, neste sentido, as célebres construções de Lacan relativas às diferenças estruturais que dizem respeito à emoção e à comoção, ao impedimento e ao embaraço, ou ainda, aos paradoxos da inibição. Nesta mesma perspectiva, percebemos o desacordo que pode existir entre uma concepção fenomenológica do afeto, que dá crédito ao vivido e a constatação clínica irrefutável que diz respeito à discrepância entre o saber e o afeto. Com efeito, este último se apresenta para o sujeito como algo incompreensível, por conta de seu deslocamento na neurose. Quanto à experiência das psicoses, fica claro como as pretensas vivências de estranheza ou de fim de mundo são correlatas da fragmentação da linguagem.

Vemos então que benefício retirar desta orientação para discriminar os afetos, tanto da experiência dita depressiva, como das escalas quantitativas relativas às modificações do humor.

Isto não quer dizer que o autor reduza o afeto à sua função significante. Longe disso. Ele explica por que razão histórica Lacan inicialmente identificou a pulsão à demanda, antes de retomar duas características essenciais da pulsão: satisfação e gozo. Esse desvio foi necessário, em um certo momento, para que Lacan pudesse arrancar o afeto de qualquer concepção biologizante que se apóie na idéia de descarga corporal. Não se trata, portanto, nem de intelectualismo, nem de redução do afeto a um estado deficitário da representação, como ocorre na orientação cognitivista.

As referências de Lacan aos fundamentos filosóficos clássicos, como São Tomás e Espinoza, se justificam pela necessidade de articular o afeto, não ao erro de julgamento, mas ao desejo e ao gozo, categorias que só a psicanálise sabe definir, sem referência a nenhum maquinismo biologizante. Enfim, a reconsideração teórica e clínica do lugar do afeto, não é possível sem uma reconsideração da ética: esta é objeto de um desenvolvimento, onde Marcus André Vieira elabora sua própria concepção. Depois de haver mostrado como o afeto joga sua partida com o inconsciente, para separar-se dele, frequentemente, pela via do engano, o autor, repentinamente, toma a direção contrária de uma concepção demasiadamente unilateral. Ele seleciona, para isto, os afetos que podemos dizer que estão mais próximos do ser do sujeito. Este é o caso da angústia, dado que ela não engana, ou ainda da dor de existir, característica do quadro melancólico. Vemos também que o ódio, que imputamos tão rapidamente à agressividade imaginária, visa, por sua vez, o ser mesmo do Outro, seu ser de gozo. Marcus André ressalta, localizando os deslocamentos do sujeito no discurso do inconsciente, os diferentes estilos do estado amoroso correlatos da impossibilidade de bem-dizer sobre o sexo. Muitos afetos especificados aqui resultam deste impossível. Finalmente, isto que é designado aqui como ética da paixão, diz respeito à relação do afeto ao dizer, à lacuna que há entre o bem-dizer e o mal-dizer. Daí resultam, além disso, afetos especificamente lacanianos, tais como o tédio e a morosidade, que atestam a inexistência do Outro, a persistência do mito do Um. Assim, à paixão da ignorância, se opõe o *gaio saber* que é a satisfação do sujeito em encontrar, graças ao seu dizer, um mapeamento da sua própria estrutura. Por outro lado, o qualificativo “falta moral”, relacionado à errância do sujeito com relação a esta mesma estrutura, determina, para Lacan, o afeto depressivo. Nesta perspectiva, a ética ganha superioridade teórica e clínica sobre todas as descrições dos estados da alma.

Terminamos a leitura dessa obra apaixonante com a certeza de que o analista não pode furtar-se do jogo das paixões. Nem neutro, nem indiferente, a ataraxia do sábio antigo não servirá jamais de paradigma para o desejo do psicanalista.